

ID: 113508125

08-10-2024



Francisco Simões  
Investigador Auxiliar no ISCTE

# Angrajazz sem surpresas

**H**á uns anos, estava pela Graciosa, em trabalho. Creio ter sido em 2011. Para aquela semana, o plano estava traçado: organizar cinco dias de formação intensa para professores da Escola Básica Integrada daquela ilha, sem me permitir quaisquer distrações.

No final do segundo dia da minha estadia, comecei a ver os meus preciosos planos arruinados. Por acaso, reparei num folheto esquecido sobre o balcão do restaurante em Santa Cruz onde ia jantar. Terei entrado num tal estado de transe que a menina do outro lado do balcão deu em chamar por mim, repetidamente, como quem me lança uma corda para que eu pudesse regressar das profundezas de tamanha surpresa. Recomposto, lá lhe fiz o pedido. Ela anotou-o cuidadosamente, sem tirar os olhos de mim, bastante incerta da minha sanidade mental. Levei o folheto para a mesa e dei por mim a rir sozinho, porque me parecia ainda uma piada. A rapariga, por sua vez, estava

já convencida de que eu não batia bem. Anunciava o dito pedacinho de papel que, no dia seguinte, a Graciosa recebia o trio de um dos mais aclamados pianistas do jazz mundial, Robert Glasper. E eu, ali destacado por acaso, teria a oportunidade de vê-lo. Ainda por cima, Glasper era para mim uma descoberta recente,

## Queiram os poderes públicos entender os fins da cultura e tratá-la com os mais elevados princípios

te, de maneira que ouvia os seus álbuns repetidamente. No dia seguinte, dirigi-me ao Auditório Municipal de Santa Cruz da Graciosa, ainda desconfiado. Não éramos mais de uma dúzia de alminhas quando o concerto começou. E embora o som não fosse perfeito, o trio não desanimou, mostrando que lhe era indiferente tocar ali ou numa grande capital europeia. Ou pelo menos, fizeram-nos

acreditar que assim era. Brindaram-nos com um concerto de duas horas. No fim, ainda procuraram um sítio onde se pudessem sentar connosco, os resistentes, para de nós obterem respostas às múltiplas perguntas que aquele lugar recôndito lhes despertava. Nunca o admitiram, mas era nítido que, por aquela altura, viam entre o espanto e o medo de não saberem muito bem se, algum dia, poderiam sair dali ilesos.

O Angrajazz está hoje longe de ser um acaso como este que acabei de descrever. Na verdade, é um festival firmado no panorama nacional e que transformou o início de outubro em Angra do Heroísmo. Se inicialmente era um tanto fechado sobre si mesmo – e até um pouco ensimesmado – os seus organizadores tiveram a capacidade de entender os tempos e as funções sociais que uma iniciativa destas pode comportar. Atualmente, o Angrajazz é, também, um projeto de formação, através da sua orquestra, uma festa na rua, uma oportunidade de criar públicos, através da

ligação às escolas, ou um clube sazonal, organizado na Casa do Sal quase de maneira informal, em que os músicos se demoram em magníficas *jam sessions*. Foram necessárias vinte e cinco edições e não obstante algumas surpresas limitadas, apenas, à criteriosa programação (como sucedeu este ano com o *Ben Rosenblum Nebula Project*), o Angrajazz é hoje inquestionável no panorama cultural regional.

É muito bom dar de caras com um grande pianista internacional na Graciosa. Mas é infinitamente melhor ter programação cultural permanente, previsível e acarinhada pelos poderes públicos. Se for essa a visão, até os dilemas recentes, como a sazonalidade do turismo, podem ter solução, se bem que os fins económicos nem sejam os mais relevantes. Queiram os poderes públicos entender os fins da cultura e tratá-la com os mais elevados princípios e valores e o resto – os tais índices de desenvolvimento – vêm por acréscimo. ■